

## REFLEXÕES SOBRE A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Dalriane Miranda Escorcio<sup>1</sup>  
Felipe Sávio Cardoso Teles Monteiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta as raízes da filosofia existencialista e os debates que a mesma elencou no século XX e os principais representantes dessa corrente de pensamento, as premissas da corrente filosófica e literária existencialista surgem com Kierkegaard e Nietzsche no século XIX, apresentaremos os principais conceitos da filosofia de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre representantes do que comumente agrupamos como existencialismo ateu, Karl Jaspers com o existencialismo cristão e Albert Camus filósofo franco-argeliano que nomeou seu pensamento de absurdista. O século XX sendo marcados conflitos armados e ideológicos as inquietações que surgiram possuíam uma estreita relação com o momento histórico: guerras, revoluções, transformações sociais, o homem moderno despertou para problemas como a banalização da morte, a liberdade o homem diante de sua própria existência tanto Sartre quanto Camus debateram a constituição de uma existência autêntica na modernidade fazendo reflexões com os problemas atuais.

**Palavras-Chave:** Existencialismo; Nietzsche; Kierkegaard; Camus; Sartre

**ABSTRACT:** This article presents the roots of existentialist philosophy and the debates that it listed in the 20th century and the main representatives of this current of thought, the premises of the existentialist philosophical and literary current arise with Kierkegaard and Nietzsche in the 19th century, we will present the main concepts of the philosophy of Martin Heidegger and Jean-Paul Sartre representatives of what we commonly group as atheistic existentialism, Karl Jaspers with Christian existentialism and Albert Camus the Franco-Algerian philosopher who called his thought absurdist. The twentieth century was marked by armed and ideological conflicts, and the concerns that arose had a close relationship with the historical moment: wars, revolutions, social transformations, modern man awakened to problems such as the banalization of death, freedom, the man facing his own existence both Sartre and Camus debated the constitution of an authentic existence in modernity, reflecting on current problems.

**Key words:** Existentialism; Nietzsche; Kierkegaard; Camus; Sartre

### INTRODUÇÃO

Esse texto é uma breve introdução às raízes do pensamento existencialista e os seus principais pensadores, porém não foi nossa pretensão esgotar ou apresentar todos os pensadores que comumente são agrupados na corrente filosófica denominada existencialismo. As bases do pensamento existencialistas nasceram nas abordagens

---

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, discente do curso de pós-graduação em Filosofia e Cultura da Universidade Federal do Maranhão – UFMA campus São Bernardo. E-mail: dalriane.escorcio@discente.ufma.br.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Dr. Em Filosofia (UERJ), Docente do curso de pós – graduação em Filosofia e Cultura da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

filosóficas do século XIX com Kierkegaard e Nietzsche com as investigações baseadas no indivíduo e na sociedade que o formava enquanto sujeito. Continuaremos a discursão tendo como pensadores norteadores Jean-Paul Sartre que pegou para sua linha de pensamento a categoria de existencialismo e o filósofo Albert Camus que nomeou seu pensamento de absurdismo. Ambos os pensadores partiram do niilismo tanto debatido na filosofia de Nietzsche, porém suas filosofias se diferenciam enquanto Sartre apegou elementos da filosofia marxista, Camus desenvolveu o que ele intitulou de pensamento mediterrâneo no quinto capítulo da obra *O homem revoltado*. Terminaremos esse texto problematizando as reflexões de Albert Camus na atualidade.

## RAÍZES DO EXISTENCIALISMO

Kierkegaard é conhecido como o pai do existencialismo e Nietzsche é um percussor dos problemas que os existencialistas do século XX vão ocupar-se, a filosofia nietzschiana não é propriamente uma filosofia existencialista, mas as suas intuições e teorias antecedem o existencialismo. “a filosofia da vida (*Lebensphilosophie*) e a Teoria dos Valores” (WOODWARD, 2016, p. 53) são correntes de pensamentos que estavam preocupadas com problemas particulares da existência humana. Segundo Woodward (2016) “a partir de Jaspers, Nietzsche foi interpretado como um filósofo existencialista e tornou-se (ao lado de Kierkegaard) uma das mais importantes influências do existencialismo do século XX”. Diante disso é possível enfatizarmos que a corrente filosófica existencialista<sup>2</sup> surge com esse nome no século XX, mas as premissas dessa corrente estão no século XIX. O filósofo cristão dinamarquês Søren Kierkegaard foi um dos primeiros a dar destaque a experiências como desespero e temor, por meio de seu pensamento sobre a existência humana, ele faz uma distinção entre a vida autêntica e uma vida inautêntica. Para Kierkegaard a vida possui três estágios: o estágio estético, que estaria no plano da sensação; o estágio ético, no plano da moral e costumes da sociedade e por último o estágio religioso nesse estágio a pessoa encontra a si própria.

No primeiro estágio, o estético, o homem busca um sentido para a sua existência. Enquanto investiga as razões de seu viver, permanecendo sob o total domínio dos

---

<sup>2</sup> Sartre é o responsável pela propagação do existencialismo na França, e dominou sua filosofia de existencialista, ao contrário de outros pensadores que negaram esse rótulo.

sentidos, dos sentimentos. [...] É através do desespero que o homem alcança o seguinte, o ético, pois só assim abandonará as experiências dissipadoras e a atitude passiva diante da realidade. [...] No estágio ético, a personalidade do indivíduo permanece livre, mas nos limites estabelecidos pela sociedade. [...] Se as exigências da ética conscientizam o indivíduo de suas falhas, não conseguem, contudo, proporcionar-lhe a existência pela qual anseia. Está ele só encontrará no estágio religioso, a fase culminante do desenvolvimento existencial. Mediante a religiosidade, o homem alcança uma relação particular com o Absoluto. Deus torna-se a regra do indivíduo, a única fonte capaz de realiza-lo plenamente (PENHA, 2001, p. 17-18-19).

Portanto para que aconteçam essas mudanças de estágio é necessário um salto radical na existência humana, que só seria possível por meio de uma ideia de moralidade, concepção que acompanhará os pensadores existencialistas. O mesmo está imbuído do sentimento religioso a ideia de Deus. Esse pensador é um cristão, a sua filosofia está ligada a sua própria vida, a suas experiências existenciais. “Kierkegaard vê o homem como existente concreto e que só se compreende existindo; não aquele que poderá ser definido exclusivamente pela lógica” (SÁ, 2009, p. 21). Portanto o existencialismo ou filosofias da existência<sup>3</sup> não tem por pretensão fundar um sistema filosófico lógico.

Em Kierkegaard o indivíduo é livre, mas não há uma liberdade plena, como a que encontramos em Sartre, o indivíduo para ele é submetido a forças que não controla. “O Indivíduo é livre. Ser livre significa contribuir para a própria realização, mas significa também poder negar essa realização, significa tanto destruir como construir” (GILES, 1989, p. 19). Então o homem está dentro de um universo de possibilidades, tanto para a criação quanto para a destruição o homem kierkegaardiano diante da experiência de absurdo se depara com o desespero, “esse desespero pode assumir três formas: o desespero motivado pelo desejo de não ser si-próprio; o desespero motivado pelo desejo de si-próprio; e o desespero pelo fato de não ser consciente de ter um ‘eu’” (GILES, 1989, p. 14). São essas circunstâncias externas que impulsionam a mudança de estágio. A primeira forma de desespero é a forma passiva, onde o indivíduo não quer acreditar que exista uma saída para

---

<sup>3</sup> O termo existencialismo não foi muito aceito pelos pensadores dessa corrente de pensamento, em virtude que alguns apontam que o termo é muito reducionista. Em virtude disso é comum se usar filosofias da existência. “O pensador existencialista preocupa-se com os problemas antropológicos da existência humana; o filósofo existencial aceita esta designação apenas porque ela visa o que a tal filósofo importa: a estrutura existencial do homem, de fuga de si, e toda a problemática, aí incluída, da união compreensiva do Ser – que é o que lhe interessa profundamente. Assim pois, o <existencialista> (e aí um Sartre) mover-se-á numa dimensão <ôntica>, adiante definida; e o <existencial> - ele, Heidegger – numa dimensão <ontológica>. O que Heidegger portanto visa não é uma <antropologia concreta>, o <ôntico>, o imediato, mas sim o que há de estrutural no próprio Dasein e o que ele chama os <existenciais>, ou seja o que, para uma relação com o mundo, o ser, se determina nessa estrutura ontológica do mesmo Dasein.” (FERREIRA, 1970, p. 64-65).

os problemas existências, mas mesmo assim ele não abandona o seu eu; a segunda é a forma do desespero inconsciente, o indivíduo está em um estado de “dormência” prefere acreditar nas ilusões do mundo, na sua falsa felicidade, a enfrentar esse absurdo existencial; a última forma é o desespero da fraqueza, onde o indivíduo não quer encontrar o seu eu, um sentido para a sua existência gratuita, nessa fase o homem recusa todo tipo de esperança.

Kierkegaard nos apresenta um pensamento que salienta a existência enquanto momento dramático, fusão entre o universal e o particular, elemento que representa o *phatos* e a tensão entre o racional e o irracional, entre a liberdade e o determinismo, entre a individualidade e as existências da coletividade, entre a obrigação moral e a falta de responsabilidade, entre a explicação abstrata e o mistério individual que somos nós. [...] O pensamento de Kierkegaard não contém outra coisa, não é outra coisa senão o estudo profundo, impiedoso, cruel até, das diversas formas da luta do homem consigo próprio para a conquista da existência, que é a conquista do próprio “eu” em sua individualidade (GILES, 1989, p. 22).

Tanto a discursão sobre a individualidade<sup>4</sup> humana permanecerá nas intuições de todos os filósofos que são rotulados de existencialista, quanto à discursão sobre a liberdade. Logo esse debate fundamenta-se no estar no mundo o indivíduo estar no mundo e por meio disso criará toda a sua existência.

## PENSADORES EXISTENCIALISTAS

A corrente filosófica e literária existencialista surgiu na Europa particularmente na França no século XX, tem como principal preocupação o absurdo da existência humana e o sentimento trágico da vida, isto é, a existência humana é o campo de investigação dessa corrente filosófica. A França nesse período está em conflitos, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã, e esse momento de certa forma é oportuno para reflexões existenciais, já que a guerra trouxe questões como o medo, desespero, morte e sofrimento, mas devemos entender, que mesmo essa corrente ter surgido nesse período histórico, os questionamentos sobre a existência humana, o debate sobre a vida e as paixões humanas não são exclusividade

---

<sup>4</sup> É necessário esclarecer que essa individualidade que esses filósofos enfatizam não quer dizer que não a necessidade de um grupo, de outras pessoas para a construção autêntica de uma existência. “A glória de um homem poder saber-se homem ergue-se sobre a certeza de que os outros os reconhecem – de que noutros se reconhecem. [...] Existem os outros no nosso remoto horizonte, como na mais curta dimensão de nossos gestos. Existe o outro na efetivação das nossas lutas, das conquistas com que afirmamos a nossa libertação, com que superamos o que nos dominou na longa história da nossa alienação. A glória do que somos concretamente foi o outro que conosco a conquistou.” (FERREIRA, 1970, p. 105).

desse período na Europa, já existiam desde a filosofia antiga, questionamentos existenciais de alguma forma atormentaram o homem desde sempre. É nesse contexto onde a esperança se extinguiu, o medo dominava a existência humana, a vida de certa forma não possuía valor algum, a morte era a única certeza, esses debates toma grande proporção.

O homem é o centro das investigações existencialistas, o homem em sua “nudez” só lhe resta a sua vida, essa vida que com a “morte de Deus” não está ligada a algum propósito divino, a vida não é mais um milagre divino. O existencialismo, portanto parte do homem diante da sua dimensão humana, “assim ao próprio <existencialismo> o repelimos, quando ele dente a uma espécie de sistema do <absurdo>, da <angústia>; à fuga aos problemas mediante as estratégias das soluções de expediente, nós preferimos o próprio problema com todas as consequências dolorosas de uma não-solução” (FERREIRA, 1970, p. 109). Essa corrente não busca a fundamentação de um sistema filosófico, e nem uma verdade absoluta, mas a investigação de problemas existências.

O que torna o caso complicado é que há duas espécies de existencialistas: de um lado há os que são cristãos, e entre eles incluirei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e de outro lado, os existencialistas ateus, entre os há que incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio (SARTRE, 1970, p. 212-213).

Não há uma homogeneidade de pensamentos entre os intelectuais que são denominados de existencialistas e muitos deles negaram essa denominação. Sartre<sup>5</sup> é o único que defende essa corrente. Mas apesar das diferenças de pensamentos entre os autores existencialistas, há algo que os torna existencialistas, que é justamente a preocupação com o ser humano, como seres individuais. Outro ponto é que esses pensadores não estavam procurando uma verdade em bases absolutas racionais, não estavam buscando fundar um sistema filosófico, já que estão focando no sentimento humano. “O sujeito existencialista não se reduz ao pensamento racional, mas, antes, compreende todo o espectro de faculdades e experiências humanas, incluindo emoções, sensações e o corpo (embora não em um sentido científico-biológico)” (WOODWARD, 2016, p. 62), o centro de investigação do existencialismo é o homem de forma individualizada.

---

<sup>5</sup> “O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger a realidade humanas” (SARTRE, 1970, p. 216). Sartre fundamenta as bases do existencialismo ateu e é o maior representante dessa linha de pensamento existencialista.

Sem dúvida, o “existencialismo” é apenas um conceito bem geral usado para agrupar uma série de diversos pensadores e filósofo com certos temas em comum. Se quiséssemos exprimir de forma concisa o núcleo conceitual do existencialismo, nós poderíamos dizer que se trata daquela filosofia que se preocupa fundamentalmente com o *indivíduo existente, colocando, só, diante de um universo sem sentido*. Para aprofundamos um pouco mais nos temas existencialistas, podemos organizá-los em torno de três pontos centrais: como o existencialismo vê o mundo, como ele vê o Eu e o que ele vê como a forma correta de pensar e escrever sobre os assuntos existencialistas (WOODWARD, 2016, p. 60).

Então de acordo com Woodward os filósofos existencialistas pensam a partir de três pilares, o homem na sua existência concreta, o homem enquanto um indivíduo, e o mundo diante da absurdidade, ou seja, todos têm como concepção o diagnóstico do absurdo, a ausência de propósito e sentido da vida. Martin Heidegger filósofo alemão recusa a denominação de existencialista, pois declara que apenas elaborou uma analítica existencial<sup>6</sup>. Suas investigações parte sobre o Ser, uma compreensão ôntica do Ser não há uma definição do Ser, já que a definição em algo lógico ou concreto faria com ele perdesse seu caráter universal. “Heidegger não concebe o Ser como um ser particular, tampouco como o conjunto de todos os seres particulares com os quais lidamos em nossa experiência cotidiana. Limita-se a afirmar que o Ser é aquilo que faz com que o mundo seja – e que assim apareça ao homem” (PENHA, 2001, p. 27). Ele busca investigar tudo que existe no mundo, não apenas o homem como ser individual.

É na morte, diz Heidegger, como possibilidade derradeira da existência, como fim para o qual Dasein se dirige, que o homem se totaliza. Ela não é o fim da existência humana, entendida a palavra como sinônimo de chegada, término de uma jornada. Quando chegamos ao fim de um itinerário ainda existimos, permanecemos vivos, temos a consciência de haver concluído algo. Ao chegarmos à metade de um percurso só atingiremos um fim se percorrida a metade restante. A morte, entretanto, é um fim de que pode ocorrer repentinamente, pondo termo assim à existência individual. Em princípio, ela nos parece algo exterior, fora de nosso controle, que sem avisar nos aniquila. Por isso, nos inquietamos, nos assustamos diante da exterioridade, da imprevisibilidade da morte. Todo o projeto humano, dessa forma, está na dependência da morte. A morte é o termo final de nossos projetos, exclama Heidegger (PENHA, 2001, p. 33-34).

Portanto para Heidegger a existência pode ser autêntica ou inautêntica, a forma autêntica está relacionada ao que ele define como ser para a morte, o homem consciente da

---

<sup>6</sup> “A analítica existencial, por sua vez, nenhum interesse demonstra pela existência pessoal, e os problema dela oriundos. Em *Ser e Tempo*, seguindo a recomendação husserliana, o propósito de Heidegger é discutir o Ser, é estabelecer uma ontologia geral, descrevendo os fenômenos que caracterizam tais como se apresentam à consciência trata-se, enfim, de elaborar uma teoria do Ser” (PENHA, 2001, p. 25-26).

sua finitude, aceita a morte como algo inevitável, a experiência da morte é o que torna o homem um ser autêntico. Já a existência inautêntica que está relacionada à ideia que o homem não aceita a finitude, está preso na cotidianidade e na existência infinita, o homem não se permite viver com a angústia da morte como um fim inevitável, tenta a todo o custo fugir da angústia da morte. Karl Jaspers é um existencialista cristão, sua reflexão filosófica não fundamenta nenhuma teoria, para ele o ato de filosofar é uma atitude própria da existência. O indivíduo é o responsável por procurar as respostas para as suas inquietações e essas partem do concreto da existência. “A meta, a tarefa primária da Filosofia será, então, esclarecer a existência daquele que coloca as questões filosóficas” (GILES, 1989, p. 220). Sendo assim a investigação de Jaspers parte da própria existência do ser, o indivíduo inicia suas investigações com inquietações pessoais.

## SARTRE E CAMUS

O existencialismo francês tem como representantes Jean-Paul Sartre e Albert Camus, de acordo com Ashley Woodward apesar das diferenças de posicionamentos que surgem expressivamente no pós-guerra, tanto Sartre quanto Camus parte de problemas apontados por Nietzsche, o niilismo. Mas Sartre não deixar clara a sua ligação com as premissas de Nietzsche. Todavia “o problema que serve como um ponto de partida para ambos é o niilismo ou o sentido da vida na esteira da morte de Deus. Ambos respondem a esse problema referindo-se ao indivíduo criativo como um provedor de sentido” (WOODWARD, 2016, p. 76). Sartre afirma que o homem é o responsável por seu próprio destino, o homem é livre para fazer o seu destino, a liberdade é o que fundamento o argumento de Sartre, diante disso o homem é um ser criativo, e capaz de conduzir seu destino, o próprio sentido da sua existência no mundo.

O papel central da criatividade na filosofia de Sartre torna-se evidente no bem conhecido *slogan* do existencialismo: *a existência precede a essência* (SARTRE, 1975: 348). Isso significa que, pelo fato de os seres humanos serem dotados com consciência e não estarem sujeitos aos constrangimentos das leis determinísticas de causa e efeito, nós somos radicalmente livres para criar a nós mesmo (WOODWARD, 2016, p. 78).

A conferência “o existencialismo é um humanismo” fez de Sartre o principal porta-voz do existencialismo francês, e um dos mais populares dessa corrente de pensamento.

Sendo assim a existência parte do concreto e a essência do abstrato, o homem segundo Sartre é livre e pode fazer de sua vida um experimento de criação significativa, “em suma, como Daigle aponta, tanto Sartre como Nietzsche substituem Deus como provedor de sentido pelo ser humano criativo” (WOODWARD, 2016, p. 79) é como se homem fosse o grande arquiteto da sua existência, ele que deve traçar os planos e o sentido para as suas ações no mundo. A ligação de Albert Camus com Nietzsche ao contrário de Sartre é bem clara, o niilismo para Camus tem duas consequências o suicídio debatido n’*O mito de Sísifo*, nessa obra o niilismo aparece de forma individual, já o niilismo presente n’*O homem revoltado* tem como consequência o assassinato, isto é, aparece de forma coletiva. “Camus explora a forma pela qual o niilismo filosófico pode potencialmente justificar cada uma destas ações radicais, preocupando-se ainda em mostrar como tais justificativas podem ser rejeitadas e o problema do niilismo, superado” (WOODWARD, 2016, p. 82). Sendo assim Camus é influenciado por ideias nietzschianas, no início de sua produção intelectual, mas durante o pós-guerra fez crítica à filosofia de Nietzsche, já que Camus afirmava que os textos de Nietzsche apontavam para o suicídio filosófico.

A concepção de Camus sobre o absurdo é, desde seu início, fundada no diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo, sua lúcida consciência da falta de sentido, verdade e finalidade, que resulta na morte de Deus, além de sua consciência da realidade do sofrimento humano que acompanha esse silêncio (WOODWARD, 2016, p. 82 *apud* DUVALL, 1999:40)

O absurdo é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo. A absurdidade “da vida não é a pura e simples a ausência de sentido da vida, mas a tensão entre esses dois termos: a ausência objetiva de sentido e o desejo humano de sentido” (WOODWARD, 2016, p. 83). Camus percebe assim como os pensadores existencialistas parte da investigação sobre a ausência de propósito ou sentido da vida, mas ele vai além inaugurando um pensamento próprio o absurdismo, pois o homem além de ter consciência da ausência de sentido, ele está em confronto com o Eu e o mundo, e possui um desejo incansável por sentido, não há uma separação entre o homem e o mundo, mas um choque.

O existencialismo de Sartre discute a existência do indivíduo diante da ausência de Deus, pois se Deus não existe, então não existe uma moral objetiva no mundo a ser seguida. O homem é extremamente livre e responsável por sua existência, e pelas consequências da



mesma, o homem quando nasce já está condenado a liberdade não pode fugir de sua liberdade. Ele está livre dos dogmas, o homem é quem constrói os valores da humanidade. Diante disso o pensamento de Sartre abandona totalmente a ideia que existe uma essência anterior à existência do indivíduo. Para ele o homem não está determinado a ser algo ou alguma coisa é no decorrer de sua existência que o homem constrói o sentido de sua vida. “O que Sartre quer dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos” (GILES, 1989, p. 281). O homem é aquilo que escolhe ser, e é a liberdade que possibilita o homem construir sua própria história, o indivíduo existe no tempo e no espaço, isto é, existir é estar no mundo de forma concreta e definida, e a nossa liberdade é exercida nesse mundo, o homem possui o direito de escolha.

Para Sartre o homem escolhe a partir de sua realidade, a nossa liberdade consiste nas escolhas que podemos fazer dentro das possibilidades, até o ato de decidimos não escolher já é uma escolha. O homem projeta sua existência a partir de sua realidade, ou seja, o homem não pode fugir de sua responsabilidade diante da escolha. “O homem é livre porque não é a não ser enquanto presença para si, e a liberdade é precisamente esse nada no cerne da realidade humana, que o obriga a se fazer em vez de ser” (GILES, 1989, p. 295) o homem se faz a partir do nada, “assim pois o ser existe a partir do Nada, pois é o Nada que me fundamenta a transcendência do ser, a sua constituição como ser” (FERREIRA, 1970, p. 83) a angústia existencial fundamenta-se nessa condição de liberdade.

A liberdade portanto implica-se no próprio acto <intencional>, ou seja, é coetânea da consciência, é o seu modo de ser. Se, porém, a liberdade é a negação de um en-soi em mim pelo pour-soi que eu sou, se por isso a ek-stase que sou me desloca de mim constantemente, eu <estou condenado a existir para sempre para além da minha <essência>. Daí a célebre afirmação de Sartre de que <estou condenado a ser livre>. A liberdade portanto não é uma qualidade que se acrescenta às qualidades que já possuía como homem: a liberdade é o que precisamente me estrutura como homem, porque é uma designação específica da própria qualidade de ser consciente, de poder negar, de transcender. A liberdade é o que define estritamente a minha possibilidade de me recusar como en-soi (coisa), projectando-me para além disso ou, se se quiser, para além de mim (FERREIRA, 1970, p. 118).

A liberdade é o que possibilita o homem ser homem, construir o sentido de existir na absurdidade do mundo. O indivíduo é absolutamente livre para escolher, está consciente de suas escolhas e as consequências das mesmas. Diante da condenação a liberdade, como existe liberdade para um indivíduo que está preso? De acordo com o pensamento de Sartre

a nossa liberdade reside dentro das possibilidades e do ambiente em que estamos vivendo. “Deste modo, o escravo em cadeias, tentando rebenta-las ou aceitando-as, é igualmente livre no sentido de capacidade de liberta-se, de estrutura do próprio escravo, mas não no sentido de realização dessa liberdade, no sentido da “liberdade-valor>” (FERREIRA, 1970, p. 127). Portanto Sartre está falando de uma liberdade abstrata, e diante das possibilidades do mundo social e histórico temos o poder de escolher, mas necessariamente essa escolha não se concretize em uma liberdade concreta.

Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] É o segundo sentido que é o sentido profundo do existencialismo. Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens (SARTRE, 1970, p. 218-219).

O homem é o único responsável pelas suas ações no mundo, e essa responsabilidade que Sartre debate tanto não é algo simplista, pois a própria individualidade do homem só é possível devido existir o outro. “Assim sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa imagem do homem por mim escolhido; escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1970, p. 220) a individualidade de Sartre está em estrita relação com o coletivo, com a sua ideia de engajamento e responsabilidade pela humanidade. Então o homem enquanto um projeto a ser realizado no mundo depende dos outros e das condições materiais existentes em seu contexto social daí surge a ligação do existencialismo sartriano com o marxismo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Poderia afirmar que diversas são as indagações que podemos fazer quando nos aprofundamos nos debates feitos tanto nos textos de Sartre quanto nos textos de Camus. Porém os debates que foram levantados durante a disciplina e os acontecimentos que se decorem ao longo dos últimos anos me convêm pensar e refletir sobre a vida humana e o caos que nos abateu. A pandemia do coronavírus colocou o homem diante de situações adversas e caóticas. Dormir e acordar com números de mortes diariamente em todo o mundo deixa-nos atormentados. Antes se vivia em uma rotina automática casa, trabalho, lazer e agora que a ordem é o isolamento social, muitas pessoas nunca experimentaram a

própria companhia e isso para alguns é perturbador. Em situações como essa o homem tem a oportunidade de refletir sobre a existência, o valor da vida, despertar para a morte, já que a morte é algo que nos rodeia, mas na maioria das vezes preferimos ignorá-la. Em meio à ameaça diária da nova “peste” os homens vivem com a sentença de morte decretada pelo vírus, essa situação que vivenciamos é absurda, a ameaça diária de perdemos um amigo, um irmão, a mãe, o pai, a própria vida, isso força o homem a sair de sua zona de conforto e encarar o absurdo. Na presença da pandemia do coronavírus (COVID19) as nações de todo o planeta se depararam com sentimentos como o medo, o desespero, o terror, a morte. Mas mesmo diante desse caos que se instalou no mundo, o homem ainda nutre o desejo que é comum a todos o desejo de viver. Albert Camus filósofo franco-argeliano publica em 1947 o romance *A peste* título que nos revela bem sugestivos nos tempos atuais. Quais reflexões *A peste* de Camus nos possibilitaria em tempos do coronavírus? Posso afirmar que o desejo de viver se mantém nos indivíduos em meio ao caos que se instalou, o sentimento de Revolta e Solidariedade despertou e tornou-se forte. Assim como os acontecimentos do século XIX e XX possibilitou as reflexões da corrente existencialista e os acontecimentos que se desencadearam atualmente nos dão a oportunidade de retornamos a esses pensadores e fazermos reflexões sobre os acontecimentos atuais e as consequências do mesmo.

## REFERÊNCIAS

- CAMUS**, Albert. A peste. Trad. Valerie Rumjanek. 24º ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- \_\_\_\_\_. O homem revoltado. Trad. Valerie Rumjanek. 12º ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GILES**, Thomas Ransom. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU, 1989.
- PENHA**, Joao da. O que é existencialismo. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- REYNOLDS**, Jack. Existencialismo. Trad. Caesar Souza. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SÁ**, Dionísia Maria Rodrigues. Uma leitura de Vergílio Ferreira no contexto do existencialismo. 2009, 122 f. dissertação (Mestrado em Filosofia em Portugal) – Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2009.
- SARTRE**, Jean-Paul; **FERREIRA**, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. 3º Edição. Coleção Síntese/Editorial Presença, 1970.
- SILVA**, Franklin Leopoldo e. Arte, subjetividade e história em Sartre e Camus. Revista: Olhar, ano 2, Nº 3, 2000.
- SARTRE**, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método. Trad. Vergílio Ferreira (etc. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- WOODWARD**, Ashley. Nietzscheanismo e existencialismo. In: Nietzscheanismo. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 51-105.